



MUSEU, ENSINO DE HISTÓRIA E EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADES: REFLEXÕES DE UMA EXPERIÊNCIA

MUSEUM, HISTORY TEACHING AND SEXUALITY EDUCATION: REFLECTIONS FROM AN EXPERIENCE

MUSEO, ENSEÑANZA DE LA HISTORIA Y EDUCACIÓN EN SEXUALIDADES: REFLEXIONES SOBRE UNA EXPERIENCIA

Joaquim dos Santos¹

Ana Cristina de Sales²

Maria Arleilma Ferreira de Sousa³

DOI: 10.54751/revistafoco.v15n1-027

Recebido em: 20 de Dezembro de 2021

Aceito em: 25 de Janeiro 2022



RESUMO

Este artigo reflete sobre as potencialidades do debate sobre relações de gênero e sexualidades nos museus comunitários. Para isso, toma como ponto de reflexão uma experiência educativa promovida pelo Museu Casa da Memória de Porteiras, localizado no município de Porteiras, situado no Cariri cearense e que possui cerca de 15.000 habitantes. O estudo analisa como os membros do Grupo Retratores da Memória de Porteiras (REMOP), fundador e gestor do Museu, promoveram ações de formação de públicos amplos, trabalhando as relações de gênero e sexualidades, e que perspectivas e abordagens fundamentaram tais ações. Nos dias 17 e 18 de maio de 2013, dentro da programação da 11ª Semana Nacional de Museus, a Casa da Memória promoveu o VI Seminário Regional Espaço Aberto à Cultura (ESPACULT), que aprofundou o tema Memória e Sexualidade. Com uma programação diversificada, o evento foi amparado nos PCNs e na perspectiva dos direitos culturais, em diálogo com o multiculturalismo. A experiência demonstrou possibilidades de práticas de educação em sexualidades nos espaços não escolares.

Palavras-chave: Educação em sexualidades; gênero; museu comunitário; ensino de história; multiculturalismo.

¹ Pós-doutor em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Universidade Regional do Cariri (URCA). Rua Cel. Antônio Luiz, 1161, Pimenta, Crato - CE, CEP: 63105-000. E-mail: joaquim.santos@urca.br

² Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Av. da Universidade, 2853, Benfica, Fortaleza - CE, CEP: 60020-181. E-mail: anasalesprof@gmail.com

³ Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Av. Dr. Silas Munguba, 1700, Itaperi, Fortaleza - CE, CEP: 60714-903. E-mail: arleilma.ferreira@urca.br

ABSTRACT

This article reflects on the potentialities of the debate on gender relations and sexualities in community museums. To do so, it takes as a reflection point an educational experience promoted by the Casa da Memória de Porteiras Museum, located in the municipality of Porteiras, located in Cariri ceará and with approximately 15,000 inhabitants. The study analyzes how the members of the Grupo Retratores da Memória de Porteiras (REMOP), founder and manager of the Museum, promoted actions to train broad audiences, working on gender relations and sexualities, and which perspectives and approaches were the basis for such actions. On May 17 and 18, 2013, within the programming of the 11th National Week of Museums, the House of Memory promoted the VI Regional Seminar Espaço Aberto à Cultura (ESPACULT), which delved into the theme Memory and Sexuality. With a diversified program, the event was based on the PCNs and on the perspective of cultural rights, in dialogue with multiculturalism. The experience demonstrated possibilities of sexuality education practices in non-school spaces.

Keywords: Education in sexualities; gender; community museum; history teaching; multiculturalism.

RESUMEN

Este artículo reflexiona sobre las potencialidades del debate sobre las relaciones de género y las sexualidades en los museos comunitarios. Para ello, toma como punto de reflexión una experiencia educativa promovida por el Museo Casa da Memória de Porteiras, ubicado en el municipio de Porteiras, situado en Cariri cearense y que cuenta con unos 15.000 habitantes. El estudio analiza cómo los miembros del Grupo Retratores da Memória de Porteiras (REMOP), fundador y gestor del Museo, promovieron acciones de formación de públicos amplios, trabajando las relaciones de género y las sexualidades, y qué perspectivas y enfoques sustentaron dichas acciones. Los días 17 y 18 de mayo de 2013, dentro de la programación de la XI Semana Nacional de los Museos, la Casa de la Memoria promovió el VI Seminario Regional Espaço Aberto a la Cultura (ESPACULT), que profundizó en el tema Memoria y Sexualidad. Con un programa diversificado, el evento se basó en los PCN y en la perspectiva de los derechos culturales, en diálogo con el multiculturalismo. La experiencia demostró las posibilidades de las prácticas de educación en sexualidades en espacios no escolares.

Palabras clave: Educación en sexualidades; género; museo comunitario; enseñanza de la historia; multiculturalismo.

1. Introdução

Estudar a história não significa saber o que aconteceu e sim ampliar o conhecimento sobre a nossa própria historicidade.
Francisco Régis Lopes Ramos

Ao refletirem sobre o campo do ensino de história no Brasil do século XXI, Marcos Silva e Selva Guimarães Fonseca (2007) provocam a reflexão sobre o que ensinar num mundo multicultural. Tal questão recai no campo do currículo. Este é apresentado, e aqui entendido, como um movimento cerceado por disputas, pois é histórico, temporal, relacional. Nesses termos, é compreendido como um campo de relações sociais, culturais, políticas e econômicas. Ele interfere na história vivida do seu tempo. No compasso em que é produto, é também produtor de relações, práticas educativas e saberes. “Assim, discutir o que ensinar e como ensinar história é discutir currículo. É conhecer contextos e lugares de sua (re) constituição” (SILVA, FONSECA, 2007, p.49).

Na contemporaneidade, muito tem se falado na construção de um currículo inclusivo, uma vez que nele perpassam interesses sociais que tentam, via parâmetros normativos, estabelecer que aspectos da cultura devem ser transmitidos às novas gerações, em detrimento da negação de outros. Logo, esse debate nos remete à relação entre cultura, poder e ensino de história. E a escola ocupa um papel importantíssimo como uma instituição cultural, social e política.

Nesse contexto, o multiculturalismo tem lugar e vem ganhando força. Aqui, concordamos com Silva e Fonseca quando indicam que:

O “multiculturalismo” se constitui num movimento, num campo político de embates, de constituição de identidades, no qual as relações de classe, gênero, etnia são relações de poder, autoridade, dominação e resistência na lógica da sociedade capitalista. Logo, não podemos confundir o respeito, a tolerância em relação às múltiplas experiências de grupos humanos e as lutas sociais pela transformação da sociedade. O respeito à diferença não pode significar o mascaramento ou a omissão perante as profundas desigualdades sociais e econômicas existentes no Brasil (SILVA, FONSECA, 2007, p.47).

Embora esse debate tenha avançado, identificamos que quando direcionamos nossos olhares para a relação entre ensino de história e educação

em sexualidades nos espaços escolares, há muitas resistências. Aliás, tais resistências ou mesmo silenciamento do tema sexualidade não se limita à disciplina escolar história, pois essa ausência também ocorre nas demais. É certo que, no início deste século, houve avanços na incorporação da educação em sexualidades como uma demanda nas políticas públicas, resultado da reivindicação de intelectuais, movimentos sociais e instituições educativas e de pesquisas, governamentais e principalmente não governamentais. Outrossim, é verdade que houve a inclusão da orientação sexual como um tema transversal nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), na década de 1990 (BRASIL, 2000). Todavia, na prática, a educação em sexualidades tem sido um grande desafio, pois, como pontua Luiz Lopes (2013, p.125):

Ainda que o tema das sexualidades seja cada vez mais debatido fora da escola (na mídia, por exemplo) tal questão ainda é, em geral, um tabu em sala de aula, pelo menos nos discursos legitimados pelos/as professores/as. Estes frequentemente colocam a sexualidade no recinto da vida privada, anulando suas percepções e consequências sociopolíticas e culturais ao compreendê-la como uma problemática individual. Em tais discursos, os corpos na escola não têm desejo, não se vinculam a prazeres eróticos e, na verdade, não existem como forças constitutivas de quem somos nas práticas sociais (LOPES, 2013, p. 125).

No ano 2008, quando a primeira edição do livro *Multiculturalismo: Diferenças culturais e práticas pedagógicas* foi publicado, Luiz Lopes pontuou como a sexualidade ainda era (e continua sendo) um tabu no campo educacional no Brasil, principalmente nos espaços educativos escolares. Ele lembrou como isso faz parte de um processo no qual fomos educados a ignorar os corpos e seus prazeres na educação. Como resultado, o corpo foi apagado, em contraposição às preocupações sobre a mente e a cognição, como se eles existissem separadamente. Sob esse prisma, nas salas de aulas as pessoas foram dessexualizadas e descorporificadas, visto que fomos educados a pensar sobre os estudantes sem perceber e/ou considerar suas etnias, suas identidades de gênero e orientações sexuais.

Nesse sentido, o processo de esquecer o corpo colaborou para a naturalização “de ideais corpóreos de raça como branquitude, de gênero como

masculinidade e de sexualidade como heterossexualidade” (LOPES, 2013, p.126). De igual modo, as pesquisas sobre relações de gênero e sexualidades no campo da educação no Brasil desnudam a naturalização de tais ideais e os sofrimentos de muitas pessoas não conformadas com tais padrões. Dando ênfase às relações de poder nas quais estamos inseridos, uma vez que somos sujeitos do nosso tempo, Guacira Lopes Louro (2012) lembra a necessidade de desconfiarmos daquilo que socialmente é apresentado como “natural”, especialmente no que diz respeito aos gêneros, seus papéis sociais e às sexualidades. Da mesma forma que Luiz Lopes (2013), ela direciona sua atenção, principalmente, para as instituições escolares.

Compreendemos como essas instituições são instâncias nas quais as diferenças precisam ser problematizadas a fim, dentre outras demandas, de colaborar nos processos de empoderamento, sendo estes essenciais na educação em direitos humanos (CANDAU, 2013), no século XXI, os espaços educativos não escolares, a exemplos dos museus, também assumem a função de problematizar os saberes da cultura a serem transmitidos. Os espaços museais não são neutros, e tampouco inocentes (RAMOS, 2004). Outrossim, tais instituições podem frutificar conhecimentos sobre a construção e (des)construção das identidades e, assim, colaborar na formação de consciência crítica e histórica, no combater os preconceitos e as muitas outras formas de exclusão, como é o caso da LGBTfobia (o ódio contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e demais sexualidades não normativas). Abordar ou não tais questões são escolhas. Em outras palavras, os espaços museais estão inseridos nas demandas multiculturais do nosso tempo. A eles também cabe atitude, posicionamento ético e enfrentamento das desigualdades sociais resultantes dos processos históricos que compuseram nossa sociedade.

Como sabemos, a sociedade brasileira foi estruturada nas relações de dominação de raça/etnia, classe e gênero. Nessa construção, o racismo como um sistema estruturante fez uso da ideia de raça como instrumento de construção da superioridade dos brancos sobre os negros e indígenas; o escravismo (até o fim do século XIX) e, principalmente, o capitalismo fundaram as bases que constituíram com uma elite branca, conservadora, rural e urbana.

E o patriarcalismo, tomando este como um sistema de dominação social de gênero em todas as esferas da sociedade, também identificado aqui como uma ordem patriarcal de gênero, estruturou a vida social para os privilégios dos homens, em detrimento das mulheres.⁴ Nesses termos, todo o aparato do Estado brasileiro, e as relações econômicas, sociais, políticas e culturais foram estruturadas em hierarquias e formas de opressão, nas quais a raça, a classe e o gênero tornaram-se chaves de controle social e perpetuação de privilégios de uma minoria (homens brancos, ricos, cristãos, cisheterossexuais), sobre uma grande maioria da população (CARNEIRO, 2011; SAFFIOTI, 2015). Isso estruturou a sociedade brasileira numa plataforma de desigualdades, sobremaneira, raciais, de gênero e de classe.

Reconhecemos o museu como um espaço de questionamento poético e produção de conhecimentos, nos sentidos apresentados por Bezerra de Meneses (2010) e Régis Lopes Ramos (2004). Assim, esta proposta consiste em inquietar os olhares sobre práticas educativas por eles promovidas que colaborem no processo de formação de consciências críticas acerca da complexidade da sexualidade humana e suas dimensões históricas, sociais e culturais. Nesse direcionamento, os museus comunitários são importantes canais de reflexão e podem, em muito, colaborar na sintonia entre o ensino de história hoje e a educação em sexualidades. Como lembra o museólogo Hugues de Varine (2014, p.32), a “museologia comunitária preocupa-se em libertar as próprias pessoas da alienação cultural, ou liberar sua capacidade de imaginação ou iniciativa, ou liberar a consciência dos seus direitos de propriedade sobre seu patrimônio, tanto material quanto imaterial”. Nesse sentido, esses museus funcionam como organismos vivos, mediante as demandas e ações dos grupos e comunidades que os gerenciam. Muitos deles são assessorados por profissionais, outros não. De todo modo, eles permanecem em funcionamento, realizando ações museológicas enquanto são geridos e envolvidos pelas comunidades. Como são resultados de ações de

⁴ Sobre aspectos históricos globais da estruturação do patriarcado (domínio dos homens e do masculino sobre as mulheres e o feminino), ver Peter N. Stearns (2017).

sujeitos e grupos, eles também apresentam tensões, disputas e transformações sociais (VARINE, 2014).

Neste artigo, pretendemos analisar uma experiência educativa realizada na e a partir da Casa da Memória de Porteiras, museu comunitário fundado aos 21 de setembro de 2007, na cidade de Porteiras, no Cariri cearense. Este museu foi criado pelos jovens que naquele momento formavam o Grupo Retratores da Memória de Porteiras (REMOP), criado em 2004 e composto por cerca de dez integrantes, com idades entre 15 e 29 anos, sendo estes estudantes da educação básica, universitários e professores temporários da rede municipal de ensino. O REMOP foi formado a partir do curso de formação à distância sobre Memória e Patrimônio Cultural do Ceará, então promovido pelo Instituto da Memória do Povo Cearense – IMOPEC (IMOPEC, 2015, 2007; SANTOS, 2013, 2011). Em 2010, os jovens institucionalizaram a iniciativa numa associação comunitária, entidade mantenedora do museu, embora seus integrantes tenham optado por permanecer usando a identidade Grupo REMOP.

Para o desenvolvimento deste texto foram utilizadas publicações impressas e virtuais do grupo REMOP. De igual modo, a pesquisa faz uso dos boletins do IMOPEC, publicizados entre os anos de 2004, quando o REMOP foi criado, e 2015, ano em que o último boletim foi publicado. Além disso, utilizamos as publicações do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), quando fazem referência às programações do museu mencionado.

Vale destacar que esta pesquisa foi desenvolvida a partir do projeto de Iniciação Científica intitulado *Memória, História Pública e Ensino: O IMOPEC e a produção de saberes históricos (1988-2015)*, elaborado e coordenado pelo professor Joaquim dos Santos, durante 12 meses, entre 2017 e 2018. Este, contou com o apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica no Ensino Médio (PIBIC-EM), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), junto à Universidade Regional do Cariri (URCA). O estudo contou com a atuação de cinco bolsistas, estudantes

matriculados no 2º ano do Ensino Médio na E.E.F.M. Aristarco Cardoso, localizada na cidade de Porteiras.⁵

Nesse cenário, cabe indagar: como os jovens do REMOP e da Casa da Memória construíram e promoveram o debate sobre ensino de história e educação em sexualidades? Que perspectivas foram apropriadas e serviram de base para firmar tal diálogo com a comunidade?

2. Gênero e Sexualidade em Foco: do Silêncio ao Debate Público

A região do Cariri é considerada uma mesorregião sul cearense, possuindo fronteiras com os estados do Piauí, Pernambuco e Paraíba (IPECE, 2012). Além da sua diversidade cultural e natural, reconhecida internacionalmente e nacionalmente por instituições científicas, órgãos públicos e pesquisadores, a exemplo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2007), o Cariri também é lembrado pelos altos índices de violência de gênero sofrida, principalmente, pelas meninas, mulheres e população LGBTQIA+.⁶ Como exemplo, lembro, como o *Jornal O Povo* noticiou, que entre os anos de 2001 e janeiro de 2012, ocorreram, no Cariri, “191 assassinatos de mulheres - a maioria no âmbito doméstico e por motivações diversas (...). A taxa de violência contra a mulher na região é considerada uma das mais altas do Nordeste”.⁷

Tomando como ponto de partida o reconhecimento da necessidade de formar consciências históricas sobre as violências⁸ e exclusões desses sujeitos,

⁵ O projeto contou com a participação dos estudantes Daniele Sousa, Joslene Tavares, Marcos Vinícius Santana, Mikaelly Silva e Vanderson dos Santos. Contou também com a colaboração da professora de língua portuguesa Karina Pereira, a quem agradeço profundamente. Além das atividades coletivas do grupo, foram: debates e apresentações de textos teóricos e de pesquisas históricas; análise das publicações do IMOPEC; produção inicial de textos acadêmicos. Cada estudante atua em um dos cinco eixos: 1. História e memória das comunidades indígenas; 2. História e memória das comunidades negras; 3. História, memória e museus comunitários; 4. História e patrimônio cultural imaterial; 5. História, patrimônio natural e movimentos ambientais.

⁶ No que diz respeito aos estudos sobre violência de gênero no Cariri cearense nos campos da educação e da história, destacamos, respectivamente, o livro de Iara Araújo et al (2019) e a dissertação de mestrado em ensino de história, de Jéssica Nuvens (2020).

⁷ *Jornal O Povo*, Fortaleza, 30 de jan. de 2012. Disponível em: <http://www.opovo.com.br>. Acesso em: 28/11/2015.

⁸ A violência é uma ruptura da integridade da vítima: integridade física, psíquica, sexual e moral. Todavia, para não reduzir a complexidade dessa experiência a fatores individuais, entendemos

bem como pensando nos silêncios sobre o tema das sexualidades nos espaços educativos formais e não formais de Porteiras, o REMOP tomou a iniciativa de estimular ações voltadas à educação em direitos humanos, nesse caso, especificamente, no que concerne à compreensão da historicidade das relações de gêneros e da diversidade sexual.

Nos dias 17 e 18 de maio de 2013, o REMOP e a Casa da Memória realizaram o *VI Seminário Regional Espaço Aberto à Cultura (ESPACULT)*, com o tema *Memória e Sexualidade* (BRASIL, 2013).⁹ Esse seminário vem ocorrendo desde 2004. Já naquela primeira edição, o evento impactou a população, momento apontado como o “despertar da sociedade” para o reconhecimento e a valorização dos seus bens culturais.

Dentre as ações promovidas pelo REMOP que mais causaram impacto, destaca-se a realização do ESPACULT (Espaço Aberto à Cultura), que teve seu primeiro evento na noite do dia 26 de novembro de 2004 com o tema “Porteiras: Arte e Memória”. Nesse momento, as crianças, jovens, adultos e idosos participaram do acontecimento que constou de uma exposição cultural, com fotografias dos lugares de memória e objetos do cotidiano, apresentação de dança, teatro e um concurso de redação e poesia com os estudantes porteirenses (SANTOS, 2011, p.102).

Com a realização desse primeiro evento, o REMOP percebeu a força da mobilização “popular”, reforçou a necessidade de continuar desenvolvendo ações de pesquisa e de formação, e realizou, nos anos seguintes, novas edições. Em março de 2006, ele promoveu o *II ESPACULT: Memória e Patrimônio Imaterial*, e em setembro de 2007, o *III, Memória e Patrimônio Material*, momento no qual a Casa da Memória foi inaugurada (IMOPEC, 2007; SANTOS, 2011).¹⁰ Esta foi a terceira fundada no Ceará a partir dos estímulos do IMOPEC. Essa ONG sediada em Fortaleza possuía um programa dedicado às Casas da Memória. Como resultado, foram criadas a Casa da Memória de

a violência na perspectiva pensada através do conceito direitos humanos, entendendo-a “como todo agenciamento capaz de violá-los” (SAFFIOTI, 2015, p.80).

⁹ Conferir também em: <http://retratores.blogspot.com/search?updated-max=2013-05-25T10:31:00-07:00&max-results=7&start=126&by-date=false>. Acesso em: 04 de ago. de 2022.

¹⁰ Depois destes, em 2011, ocorreu o *IV ESPACULT: Memória e Afrodescendência*, momento em que se tornou um seminário regional (NUNES, SANTOS, 2021; SANTOS, 2014). Em 2012, na V edição, foi a vez do tema *Memória e Natureza*, cujo marco foi a realização, pela primeira vez, de uma trilha interpretativa à Pedra Branca. Ver www.retratores.blogspot.com

Jaguaribara (1998) e Jaguaretama (2005), situadas no Vale do Jaguaribe, e de Porteiras (2007), no Cariri (IMOPEC, 2015).

Sobre a atuação do REMOP no processo de construção da Casa da Memória de Porteiras, a historiadora e sócia do IMOPEC, Cristina Holanda, narrou em um texto curto intitulado *Os “novos” guardiões da memória de Porteiras*, e publicado no *boletim Raízes*, quando da inauguração do Museu:

O REMOP surgiu em 2004, a partir do estímulo provocado pelo Curso de Formação à Distância para Agentes Culturais promovido pelo IMOPEC. Desde então, essa trupe vem desenvolvendo, voluntariamente, de forma autônoma e criativa, várias ações que têm por finalidade sensibilizar os porteirenses para o registro, a valorização e preservação do seu patrimônio cultural, enfocando a diversidade de acordos, conflitos e tensões que o compõem. Entre essas ações está o ESPACULT (Espaço Aberto à Cultura), evento anual que agora entra na sua terceira edição, com atividades como oficinas, palestras, exposições, apresentações artísticas etc.

O grupo foi amadurecendo, registrando suas vivências e constituindo um rico acervo, fruto de pesquisas históricas, entrevistas com idosos, registros audiovisuais e fotográficos dos lugares da memória de Porteiras, coleta de objetos e documentos antigos encontrados no município. Com todo esse material em mãos, o passo seguinte era disponibilizá-lo para a consulta pública com a abertura de uma Casa da Memória, a exemplo da iniciativa pioneira, no Ceará, dos moradores de Jaguaribara, iniciada em 1998. (IMOPEC, 2007, p.3).

Após a criação da Casa da Memória de Porteiras, novas ações educativas começaram a ser desenvolvidas pelo REMOP. Mas o ESPACULT continuou como sua principal intervenção pública no campo da memória e do patrimônio cultural. Como exemplo, notamos que em 2011 ocorreu sua quarta edição, com o tema *Memória e Afrodescendência*. Este, deu destaque à presença e às referências culturais do quilombo dos Souza (NUNES, SANTOS, 2021).¹¹ Foi nesse momento que o evento ganhou o status de um seminário regional (SANTOS, 2014). Em 2012, por sua vez, o *V ESPACULT: Memória e Natureza*, teve como marco a realização, pela primeira vez, de uma trilha interpretativa à Pedra Branca, importante bem cultural presente na memória social de Porteiras e na paisagem cultural do Cariri.¹² Como é percebido, em cada ESPACULT um

¹¹ Sobre os bens culturais dos Souza, ver também IMOPEC (2006).

¹² Sobre a Pedra Branca de Porteiras na paisagem cultural, ver Santos e Silva (2022). Sobre o V ESPACULT, ver detalhes e imagens no blog da Associação REMOP, a saber: retratores.blogspot.com.br. Essa edição do evento contou com a parceria do Serviço Social do Comércio (SESC), unidade Juazeiro do Norte, e Prefeitura Municipal de Porteiras.

tema era aprofundado, articulando as experiências da história e do patrimônio cultural do lugar com questões mais amplas, entrecruzando memória e cidadania cultural.

O VI *ESPACULT: Memória e Sexualidade*, ocorreu dentro das comemorações da 11ª Semana Nacional de Museus, cujo tema foi *Museu: memória + criatividade = mudança social*, evento estimulado pelo Instituto Brasileiro de Museus (BRASIL, 2013), em consonância com as propostas do Conselho Internacional dos Museus (ICOM), relativo às comemorações do dia 18 de maio, Dia Internacional dos Museus. Em Porteiras, o tema trabalhado buscou problematizar a consciência histórica sobre as relações entre a herança patriarcal, machista e sexista da formação histórica da região do Cariri e a violência de gênero e LGBTfobia, na atualidade. Com a mesma relevância, a Casa da Memória se preocupou em promover o debate sobre os papéis de gênero que historicamente foram e continuam sendo atribuídos às crianças (meninas e meninos), aos homens e às mulheres, bem como as tensões contemporâneas em torno das sexualidades e novos arranjos familiares. Como lembra a historiadora Guacira Lopes Louro:

Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo. Essas construções e esses arranjos são sempre transitórios, transformando-se não apenas ao longo do tempo, historicamente, como também transformando-se na articulação como as histórias pessoais, as identidades sexuais, étnicas, de raça, classe... (LOURO, 2012, p.32).

Figura 1. Segunda sede da Casa da Memória.



Foto: acervo do REMOP. 2012.

Dentro da programação do VI ESPACULT foram promovidas: uma mesa-redonda, que discutiu o tema *Memória e Sexualidade*; um cortejo de tradição cultural pelas ruas de Porteirás; um show musical na Praça da Liberdade (um espaço central da cidade); a abertura de uma exposição temporária na Casa da Memória e visitas guiadas à referida exposição (IBRAM, 2013).

Figura 2. Cortejo Cultural.



Foto: acervo do REMOP. 2013.

Ao longo do evento, o debate entrecruzou gênero e sexualidade, o que demonstra que, embora sejam categorias diferentes, elas possuem conexões que as aproximam, como é o caso do debate sobre identidades de gênero, orientações e identidades sexuais, e, principalmente, as questões estruturais

que perpassam a violência de gênero e a LGBTfobia, pois tais violências não são aleatórias ou naturais. Elas decorrem de uma mesma estrutura: “uma organização social de gênero, que privilegia o masculino” (SAFFIOTI, 2015, p.85).

A mesa redonda *Memória e Sexualidade* ocorreu na EEM Aristarco Cardoso. Ela foi composta por um historiador, um psicólogo e uma bióloga. Tal proposta tentou provocar um debate interdisciplinar com os estudantes, entrecruzando problemáticas tocantes às experiências históricas das relações de gênero, dando ênfase à ordem patriarcal de gênero, entrecruzando-a com as questões que tocam às identidades e orientações sexuais, suas conexões com a Psicologia e a Biologia. Tal momento foi pensado a partir das propostas e apontamentos presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN,s), especialmente aquele dedicado aos temas transversais, no caso específico, o tema orientação sexual. Conforme esse documento, que tem poder de lei, “a orientação sexual na escola deve ser entendida como um processo de intervenção pedagógica que tem como objetivo transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados” (BRASIL, 2000, p.34). Tal intervenção pedagógica deve ocorrer em âmbito coletivo (não se limitando a um trabalho individual), de forma interdisciplinar e de cunho psicoterapêutico, dando ênfase às dimensões sociológicas, psicológicas e fisiológicas da sexualidade.

Seguindo essa orientação, o professor de História Joaquim dos Santos destacou as dimensões históricas e sociológicas das relações de gênero, trazendo à baila um longo processo (sistema) de dominação social, econômica, política e cultural dos homens sobre as mulheres, o patriarcado, e lançando luz à necessidade de construirmos a igualdade de gênero. Nesses termos, o gênero foi discutido como uma construção tecida nas relações. Seu caráter processual, político e histórico foi debatido, a fim de construir a compreensão sobre a necessidade de desnaturalizar as ideias atribuídas aos homens e às mulheres como seres “naturais”, definidos a partir das diferenças do sexo biológico (SILVA, 2013; SCOTT, 1989). Inclusive, chamando atenção para outras ideias e construções que fogem desse binarismo.

Nessa costura de muitos saberes, o gênero foi inserido no debate elucidando suas conexões nas relações sociais, culturais, econômicas, políticas, enfim, no liame cultura e poder. Nesses termos, tal categoria foi pensada a partir das considerações da historiadora Joan Scott (1989), que entende o gênero a partir de três pontos nodais, a saber: 1. sua dimensão relacional; 2. a construção das diferenças percebidas entre os sexos; 3. Um campo de articulação de poder.

O foco aqui foi pensar em diferentes pontos de vista relacionados aos gêneros, às identidades e orientações sexuais. Como a mesma relevância, esse momento provocou o debate sobre a exclusão social vivida por pessoas que não se reconhecem como heterossexuais, e que se contrapõem à heteronormatividade. Assim, a violência de gênero e contra a população que naquele momento era identificada como LGBT, em suas diferentes formas, foi discutida. De igual modo, foram colocadas no debate a necessidade de afirmação das diferentes sexualidades e dos processos de empoderamento LGBT. O empoderamento foi uma palavra-chave discutida na ocasião. Aqui cabe lembrar que, de acordo com a educação em direitos humanos,

Entendemos o empoderamento como um processo que procura potencializar grupos ou pessoas que têm menos poder na sociedade e que estão dominados, submetidos ou silenciados, em relação à vida e aos processos sociais, políticos e econômicos, culturais etc. O empoderamento tem duas dimensões básicas intimamente ligadas uma à outra: a pessoal e a social. Esse enfoque considera a pessoa como um sujeito ativo, cooperativo e social. O centro desse enfoque pedagógico é relacionar o crescimento individual à dinâmica social e à vida pública, desenvolvendo habilidades, conhecimentos e atitudes de questionamentos crítico em relação às injustiças e desigualdades, às relações de poder, às discriminações e à mudança social (CANDAU et al, 2013, p.38-39).

O psicólogo André Inácio lançou perguntas aos estudantes sobre questões relacionadas aos papéis sociais e outras normas socialmente constituídas e relacionadas às relações de gênero e às sexualidades. Nesse momento, funções que no senso comum são atribuídas às mulheres e aos homens foram elencadas pelos partícipes, ao passo em que eram problematizadas pelo convidado. Esse exercício fez pensar sobre a construção dos papéis de gênero, bem como sobre como as expressões de gênero são

muitas vezes percebidas de forma equivocadas, o que provoca preconceitos e exclusões de mulheres e da população que naquele momento era identificada como LGBT (e hoje é representada pela sigla LGBTQIA+, doravante assim nomeada). Com essa relevância, o debate foi direcionado para as relações entre gênero, sexualidade e saúde mental, a fim de colaborar para a construção do autocuidado entre os jovens, a construção da sua autoestima positiva e a valorização da diversidade sexual e de gênero.

Por fim, a professora de biologia Socorro Gomes colocou em cena a reflexão sobre a dimensão fisiológica da sexualidade. Os perigos das relações sexuais precoces e sem preservativos foram abordados. Na ocasião, ela demonstrou a gravidade das doenças sexualmente transmissíveis e como elas podem atingir qualquer pessoa, independente da sua orientação sexual. Abordou, outrossim, as implicações e complicações da gravidez na adolescência, a fim de evitá-las entre as jovens. Nesses termos, corpo e saúde foram discutidos a partir da reflexão sobre a ciência biológica e as práticas sexuais. O que ficou em evidência nessa atividade foi a necessidade de construção de uma *cultura educacional da prevenção*, entendendo esta como “uma atitude pedagógica consciente de inclusão curricular, sobretudo da educação sexual a partir da infância” (FURLANI, 2015, p.132).

A *mesa redonda Memória e Sexualidade* colocou em debate, portanto, a necessidade de diálogo constante sobre gênero, sexualidade e saúde com e entre os jovens. O entrecruzamento de reflexões sobre as dimensões históricas e sociológicas dos gêneros, das práticas e identidades sexuais, o corpo humano e as fisiologias da sexualidade e as perspectivas psicológicas tocantes à construção social dos papéis de gênero, o autocuidado e a saúde mental fortaleceram o entendimento da complexidade desse debate e da necessidade constante de um trabalho conjunto e interdisciplinar, nos espaços educativos escolares e não escolares.

Figura 3. Mesa redonda na EEM Aristarco Cardoso.



Foto: acervo do REMOP. 2013.

Seguindo a programação do evento, a exposição *Sexualidade: papéis e amores* foi aberta ao público. Ela foi organizada pelo REMOP e montada na Casa da Memória, de forma criativa, e sem recursos. De início, um texto de apresentação convidava os visitantes a estranharem as relações entre gênero e sexualidade. Ao invés de esclarecer a problemática, o texto tinha a função de provocar uma primeira percepção sobre a proposta da exposição, ao passo em que também procurou lançar questionamentos para, a partir deles, os visitantes inquietarem seus olhares, a fim de perceberem o questionamento poético das palavras e das coisas ali expostas. Eis o texto de abertura:

O que sentimos quando revisitamos velhas cartas de amor ou avistamos mais um enlace matrimonial? Qual a natureza dos sentimentos amorosos e da intimidade da sexualidade? Qual a relação entre sexualidade e identidade? E quais formas de amar e papéis sociais são construídos no cotidiano dos nossos dias? A exposição “Sexualidade: Papéis e amores” convida-nos a repensar as paixões, as brincadeiras amorosas, os prazeres e os dramas tecidos entre os amores e as práticas sexuais. Afinal, o que significa falar da libertação da palavra e das formas de amar?

A exposição de curta duração expôs objetos usados no cotidiano dos moradores da cidade. Alguns foram emprestados especificamente para aquela ocasião. Outros já pertenciam ao acervo do Museu. Eles foram expostos e

problematizados na tentativa de provocar o estranhamento e a compreensão dos processos de construção social dos gêneros, bem como da construção cultural do corpo, as liberdades e pudores que recaem sobre eles, e, principalmente, na relação que socialmente é tecida entre sensibilidades amorosas, sexo e sexualidades.

Carrinhos e bonecas coloridas, feitas de plásticos, em grande escala e comercializados facilmente em feiras e lojas, foram expostos, no intuito de provocar a reflexão concernente às funções dos brinquedos na formação social e normativa dos gêneros. A ideia foi estimular a reflexão sobre como desde pequenos e pequenas somos direcionados a assumir expressões e papéis de gênero, que se estendem ao longo da vida, pois as posturas da ordem patriarcal de gênero se impõem desde a infância e se tornam marcos, marcas e cicatrizes físicas e emocionais nos jovens e adultos, muitas vezes perpassando toda a vida.

De igual modo, peças íntimas femininas, como um sutiã e um absorvente foram expostos, na tentativa de estranhar as mudanças no corpo feminino e a moralidade que historicamente lhe recobriu. Ao passo em que esses objetos estimulavam os visitantes a pensarem sobre os objetos que são impostos aos corpos das mulheres, também instigavam a reflexão sobre seus silêncios. Ao longo da história, ele foi atribuído às mulheres em variados aspectos, e o primeiro foi justamente sobre o corpo, como lembra Michelle Perrot (2003, p.13):

Há muito as mulheres são esquecidas, as sem-voz da História. O silêncio que as envolve é impressionante. Pesa primeiramente sobre o corpo, assimilado à função anônima e impessoal da reprodução. O corpo feminino, no entanto, é onipresente: no discurso dos poetas, dos médicos, ou dos políticos; em imagens de toda natureza – quadros, esculturas, cartazes – que povoam as nossas cidades. Mas esse corpo exposto, encenado, continua opaco. Objeto do olhar e do desejo, fala-se dele. O pudor que encobre seus membros ou lhes cerra os lábios é a própria marca da feminilidade.

Na mesma sala, cartas de namorados escritas à mão e pertencentes a acervos privados foram coladas em uma parede, compondo um painel. A ideia consistia em estimular os visitantes a ponderarem sobre as sensibilidades amorosas, como as descobertas das paixões, os afetos, os enlaces e desenlaces. Afinal, a escrita e (n)o papel também corroboram na afirmação

daquilo que é considerado feminino e masculino. Por fim, fotografias e imagens de casais e famílias foram expostas, colocando em cena a pluralidade de afetos e os novos arranjos familiares da contemporaneidade, a exemplo das uniões homoafetivas.

Nesse painel, as conexões entre a construção do amor romântico, as relações sexuais e os velhos e novos arranjos familiares foram estimuladas na tentativa de romper preconceitos e segregações destinadas, principalmente, às mulheres e à população LGBT. Trazendo à baila a dimensão histórica e contratual dos matrimônios, bem como provocando a reflexão sobre a liberdade de amar e ser amado, ou simplesmente, ter prazer (a depender do ponto de vista dos visitantes), a exposição tornou-se um canal de diálogo, rompendo silêncios.

3. Conclusões

A experiência analisada envolveu um público amplo e diversificado. A mesa-redonda, no espaço escolar, e a exposição, no museu, colocaram em cena a necessidade de fortalecimento de ações nos espaços educativos escolares e não escolares, tocantes ao debate sobre gênero e sexualidade na contemporaneidade. Entender as dimensões históricas, sociológicas, fisiológicas e psicológicas da sexualidade humana é essencial para desnaturalizarmos os homens e as mulheres, o masculino e o feminino.

O ESPACULT mostrou que a história das relações de gênero, no diálogo com a história do corpo, e os processos de exclusão podem ser descortinados a partir de objetos do cotidiano presentes no dia a dia das pessoas. A questão recai no deslocamento dos seus usos e na sua problematização mediante o confronto com outros objetos no espaço museal. Aqui, a pergunta e o estranhamento são essenciais (RAMOS, 2004).

De igual modo, o ESPACULT demonstrou como a construção da consciência crítica e histórica sobre a sexualidade humana, as relações de gênero e suas exclusões precisa incorporar os saberes das comunidades para, a partir daí, desconstruir os papéis sociais engessados na tradição heteronormativa e patriarcal, bem como que tal consciência é necessária para pluralizar os gêneros e combater os preconceitos e discriminações que recaem,

principalmente, sobre as mulheres e a população LGBTQIA+. Tal proposta educativa procurou construir socialmente o respeito às diferenças e o enfrentamento das desigualdades.

Portanto, a experiência colaborou para a compreensão da complexidade desse debate, propondo a pluralização dos gêneros e a desconstrução do pensamento dicotômico (masculino x feminino) e dos argumentos biológicos e culturais que historicamente constituíram o homem e a masculinidade como pontos nodais nas redes de relações, hierarquias e valores sociais.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Iara Maria de [et al]. *Queixas, denúncias e conciliações*: um estudo sobre a violência de gênero. Curitiba: Appris, 2019.

BEZERRA DE MENESES, Ulpiano Toledo. O museu e a questão do conhecimento. In: GUIMARÃES, M. L. S.; RAMOS, F. R. L. (Orgs.). *Futuro do Pretérito*: Escrita da história e história do museu. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar/Expressão Gráfica Editora, 2010, p.13-33.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Museus. *11ª Semana de Museus*: Memória + criatividade = mudança social. Brasília: IBRAM, 2013.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais: ética*. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

CANDAU, Vera Maria et al. *Educação em direitos humanos e formação de professores(as)*. São Paulo: Cortez, 2013.

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

DAS, Veena. Gênero e identidade: mapeando as questões. In: JÚNIOR, Brasília Sallum et al. *Identidades*. São Paulo: EdUSP, 2016, p.67-79.

FURLANI, Jimena. *Educação sexual na sala de aula*: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

GREGORI, Maria Filomena. Gênero, violência e os limites da sexualidade. In: JÚNIOR, Brasília Sallum et al. *Identidade*. São Paulo: EdUSP, 2016 p. 81-98.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE). *Anuário Estatístico do Ceará: 2012*. Disponível em:

<http://www2.ipece.ce.gov.br/publicacoes/anuario/anuario2012/index.htm>.
Acesso em: 26/04/2014.

INSTITUTO DA MEMÓRIA DO POVO CEARENSE (IMOPEC). *Boletim Raízes*. Fortaleza, IMOPEC, nº 64, jan/jun. 2015.

INSTITUTO DA MEMÓRIA DO POVO CEARENSE (IMOPEC). *Boletim Raízes*. Fortaleza, IMOPEC, nº 59, jul/set. 2007.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Roteiro para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. Região do Cariri: Patrimônio de todos*. Fortaleza: IPHAN, 2007.

LOPES, Luiz Paulo Moita. Sexualidades em sala de aula: discurso, desejo e teoria queer. In: CANDAU, Vera Maria; MOREIRA, Antonio Flávio (Orgs.). *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 125-148.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). *Corpo, Gênero e sexualidade*. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

NUNES, Cícera; SANTOS, Cícero Joaquim dos. Por uma poética museal nas comunidades quilombolas do Cariri/CE. In: Paulo Roberto Pergentino das Candeias. (Org.). *Os múltiplos olhares do Laboratório de Educação das Relações Étnico-raciais da UFPE*. 1ed. Recife: Ed. UFPE, 2021, v. 1, p. 129-141.

NUVENS, Jéssica Correia Duarte. *O combate à violência de gênero na escola: propostas para o ensino de história*. 2020. Dissertação – (Mestrado Profissional em Ensino de História). Centro de Humanidades, Universidade Regional do Cariri, Crato, 2020.

PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Izilda S.; SOIHET, Rachel (Orgs.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: UNESP, 2003, pp. 13-27.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A danação do objeto: o museu no ensino de história*. Chapecó: Argos, 2004.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. Utilidades do passado: Museu, memória e ensino de história. CAVALCANTE, Maria Juraci et al. *História da educação comparada: discursos, ritos e símbolos da educação popular, cívica e religiosa*. Fortaleza: Edições UFC, 2011, p.27-51.

SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado, violência*. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANTOS, Joaquim dos; SILVA, Simone Pereira da. “Velhos horizontes”: a Pedra Branca na paisagem cultural do Cariri cearense. In: SANTOS, Joaquim dos; VIANA, José Italo Bezerra; ALEXANDRE, Juciêdo Ferreira (Orgs.). *História e patrimônio cultural: ensino, políticas e demandas contemporâneas*. Jundiaí: Paco Editorial, 2022.

SANTOS, Joaquim dos; SANTOS, Paula Cristiane de Lyra. Pe. Ibiapina: entre a memória e o ensino de história. In: ARAÚJO, Raimundo Alves; ARAÚJO, Reginaldo Alves de (Orgs.). *Nas trilhas do sertão: escritos de cultura e política nos interiores do Ceará*. v.5. Sobral: Sertão Cult, Edições UVA, 2019, pp.103-116.

SANTOS, Cícero Joaquim dos. Rebuliços no passado: o ensino de história no museu comunitário. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, São Leopoldo, v. 6, n.12, pp. 38-51, 2014.

SANTOS, Cícero Joaquim dos. Museu, ensino de história e memórias da afrodescendência. In: MELO, Francisco Egberto; BEZERRA, Sandra Nancy Freire (Orgs.). *História local e ensino: saberes e identidades*. Recife: Linceu, 2014, pp. 138-154.

SANTOS, Cícero Joaquim dos. Necessidades de história: os usos da memória na construção da cidadania cultural. *Políticas Culturais em Revista*, Salvador, v.6, n.1, pp.54-70, 2013.

SANTOS, Cícero Joaquim dos. *Passado alumiado: representações históricas de Porteiras*. Fortaleza: IMOPEC, 2011.

SCOTT, Joan. *Gender: a useful category of historical analyses*. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press, 1989.

STEARNS, Peter N. *História das relações de gênero*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2017.

SILVA, Vanderlei Kalina; SILVA, Henrique Maciel. *Dicionário de conceitos históricos*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

SILVA, Marcos; FONSECA, Selva Guimarães. *Ensinar história no século XXI: em busca do tempo entendido*. Campinas, SP: Papirus, 2007.

VARINE, Hugues de. O museu comunitário como processo continuado. *Caderno do CEOM*, ano 27, n. 41, 2014.